

## TEXTO: UM PRODUTO IDEOLÓGICO

*Marcela Tavares de Mello* (FAETERJ)

[marcelatdm@gmail.com](mailto:marcelatdm@gmail.com)

*Maria do Socorro David* (FAETERJ)

*Rafael ferreira Figueira* (FAETERJ)

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo orientar os professores a investigar a ideologia instituída nos textos científicos didáticos, mas não percebida pelos leitores. De maneira que a leitura desses possam tornar seus alunos leitores críticos a fim de posicionar-se diante da informação e interagir de forma crítico-reflexiva, no meio físico e social, favorecendo a formação de leitores e indivíduos críticos, que darão origem a um novo pensamento de sua própria autoria. Para a realização da pesquisa levantamos o problema da ideologia na construção textual. Para isso, formulamos a seguinte problematização: os professores percebem no dia a dia a ideologia nos textos didáticos? A ideologia encontrada nos textos ajuda na construção de um indivíduo crítico? Todos os textos didáticos possuem a ideologia de quem o escreve, explicitamente ou implicitamente, que muitas vezes não é percebida pelo leitor e assim, acaba sendo transferida e aceita sem ser analisada e criticada. Essa não percepção favorece a alienação e a não criticidade do leitor. A ideologia textual se justifica pelo fato, de que, constrói-se um texto para, através dele, marcar uma posição, ou seja, por trás do texto sempre possui uma intenção. Para tanto, fez-se necessário uma abordagem do contexto histórico dos textos, definições e conceitos, e da ideologia nos textos didáticos, pautado em bases teóricas de autores como Platão & Fiorin (2003), Nosela (1979), Marcondes Filho (1997), Mussalim (2003), Brandão (2004), Faria (1985), entre outros. O trabalho foi pautado em uma pesquisa qualitativa bibliográfica e uma pesquisa de campo de cunho quantitativo e qualitativo. Com base nas análises, verificamos que mesmo os professores tendo consciência da ideologia presente nos textos, na maioria das vezes, a forma como o trabalho é realizado não contribui para que os alunos percebam a mesma, ou seja, não contribui para a formação de um leitor crítico.

**Palavras-Chave:** Ideologia. Interpretação textual. Leitor crítico. Análise crítica.

### 1. Introdução

Os textos didáticos possuem uma ideologia implícita ou explícita, que muitas vezes não é percebida pelo leitor e assim acaba por ser trans-

ferida e aceita sem que seja criticada. Esses textos são estudados e aceitos como verdades “absolutas” pelos leitores, que acreditam sem questionar as influências que ali estão, deixando de perceber que por trás de um texto existe uma ideologia a ser disseminada. Diante disso, o papel do professor é fazer com que os alunos reflitam e questionem a ideologia presente nos textos.

Desta forma, considera-se que cada texto revela a visão de mundo de quem o produz. Assim, o presente trabalho vem discutir a ideologia na construção textual, pois possuímos a problemática da ideologia instituída nos textos científicos didáticos, que por sua vez não é percebida pelos leitores, tornando-os, portanto, alienados e acríticos. Objetivamos investigar a ideologia instituída nos textos científicos didáticos, mas não percebida pelos leitores, e levá-los a posicionar-se diante da informação e interagir de forma crítica-reflexiva e ativa, com o meio físico e social, contribuindo para a diminuição da alienação e o aumento do espírito crítico do indivíduo. Para atingirmos tal objetivo, formulamos a seguinte problematização: os professores percebem no dia a dia a ideologia nos textos didáticos? A ideologia encontrada nos textos ajuda na construção de um indivíduo crítico? Tais questões proporcionam ao leitor condições para desenvolver a habilidade de produzir sua própria interpretação do texto, rompendo a artificialidade existente na interpretação textual, assim fazendo com que o leitor possa ter uma visão crítica a respeito dos textos.

Considerando que os seres humanos são indivíduos sensíveis às influências do meio, ou seja, a sociedade influencia ideologicamente na construção textual e pessoal e que os indivíduos são seres inacabados, com capacidade de adquirir modelos, ideias da sociedade em que está inserido, portanto, ao se elaborar um texto o escritor leva em conta a situação ou contexto em que é produzido, transferindo para o texto ideias, valores, intenções, ou seja, uma ideologia.

Platão & Fiorin (2003), destaca que o texto não é uma peça isolada de quem o produz. Constrói-se um texto para, através dele, marcar uma posição ou participar de um debate que está sendo discutido na sociedade. Assim, um simples texto didático, sob a aparência de neutralidade, possui sempre uma intenção por detrás.

Nesse sentido, constrói-se um texto para, através dele, marcar uma posição ou participar de um problema que está sendo discutido na sociedade. Os textos são meios de propagação ideológica e a escola ambiente sistemático de transmissão. Assim, é necessário que os leitores

analisem criticamente os textos para perceber além do problema tratado, não deixando assim, que um texto seja instrumento controlador, mas uma arma de libertação, onde os indivíduos possam dar criticidade a respeito do pensar do escritor.

O presente trabalho foi pautado em uma abordagem qualitativa que segundo Lüdke (1996), “permite o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigado”. Esta pesquisa foi feita para discutir a ideologia na construção textual, com objetivo de orientar os professores a investigar a ideologia instituída nos textos científicos didáticos, mas não percebida pelos leitores.

Baseamo-nos em teóricos como Marcondes Filho (1997), Platão & Fiorin (2003), Nosella (1978), Rego (2002), Mussalim (2003), Brandão (2004), Faria (1985) e outros.

No intuito de aprofundar o estudo foi realizada uma pesquisa de campo de cunho qualitativo; utilizamos um questionário como instrumento de pesquisa, para obtenção de informações sobre o tema. O questionário foi composto por seis perguntas, sendo que duas foram fechadas e quatro abertas. As perguntas abordaram as dimensões ideológicas nos textos didáticos e foi aplicado a professores que ministram aulas do curso normal de nível médio na cidade de Itaocara, no estado do Rio de Janeiro.

A referida instituição oferece ensino médio nas duas modalidades, formação geral e curso normal (formação de professores) e ensino fundamental. O ensino médio na modalidade normal atende cerca de noventa e cinco alunos, divididos em quatro turmas de aproximadamente 23 (vinte três) alunos. Esta instituição é a única do município de Itaocara que oferece o ensino médio na modalidade Normal.

Desta forma, espera-se que a partir deste estudo sobre a ideologia nos textos didáticos, professores e alunos possam perceber a existência das ideologias nos mesmos. Assim, podendo construir em si mesmo e nos seus alunos suas próprias interpretações e convicções, dando origem a um novo pensamento.

## **2. *A ideologia presente na construção textual***

Considerando as distinções e os conceitos de texto e discurso, propomos uma análise de ambos, para melhor entendimento e distinções

predominantes. Assim, faremos uma reflexão sobre discurso e texto, baseado em autores renomados como Geraldi (1995) e Platão & Fiorin (2003), que travam uma discussão entre as distinções e conceitos de texto e discurso.

O discurso tem origem latina, ação de correr para diversas partes de tomar várias direções; conversação. O termo discurso possibilita diversas interpretações, ou seja, diversos significados. Mas este consiste basicamente pela fala somada a um conjunto de ideias organizadas por meio da linguagem oral de maneira a representar o pensar, o raciocínio de quem o discursa, ou seja, sua ideologia. Assim, o discurso baseia-se em um conjunto de pensamentos e visões de mundo devido à condição social, econômica, política, cultural e histórica de quem o faz. Ele se constitui na comunicação oral do pensar. Desta forma, o discurso é um instrumento de comunicação entre o locutor, que é quem fala e o interlocutor que é o ouvinte.

Assim, o discurso, segundo Geraldi (1995),

não é nem simples emissão de sons, nem simples sistema convencional, como quer um certo positivismo, nem tampouco tradução imperfeita do pensamento, vestimenta de ideias mudas e verdadeiras, como a conceber um pensamento idealista. Pelo contrário, é criação de sentido, encarnação de significações e, como tal, dá origem à comunicação. (GERALDI, 1995, p. 22-23).

Portanto, o discurso assim como a linguagem é a expressão do pensamento do indivíduo. É um instrumento de comunicação capaz de transmitir ao receptor certa mensagem. É também uma forma de interação entre o locutor e o interlocutor.

Desta forma, Geraldi (1995) afirma que o discurso

é mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falado; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala. (GERALDI, 1995, p. 41).

Sendo assim, o discurso requer um compromisso da fala do locutor com as condições sob as quais está sendo falado, ou seja, o discurso deve ser adequado à situação, ao contexto, ao local em que está sendo dito, para que a comunicação, a interação e o pensamento possam ser concretizados, entendidos. Cada discurso tem a necessidade de ser planejado para cada situação.

Por sua vez, o texto também possui etimologia de origem latina, tecer, fazer tecido, entrançar, entrelaçar. Assim temos a ideia que o texto é a concretude da fala de forma escrita, ou seja, é a fala congelada na escrita como produto acabado de uma ação discursiva. Nele o autor deixa suas marcas seja explícita ou implicitamente. Marcas estas, que se referem às suas próprias características sociais, políticas, econômicas, históricas e culturais, pois o texto não é neutro, ele recebe influência do meio em que é produzido e as ideologias de quem o produz.

Segundo Platão & Fiorin (2003),

Nenhum texto é uma peça isolada, nem a manifestação da individualidade de quem o produziu. De uma forma ou outra, constrói-se um texto para, através dele, marcar uma posição ou participar de um embate de escala mais ampla que está sendo travado na sociedade. Até mesmo uma simples notícia jornalística, sob a aparência de neutralidade, tem sempre alguma intenção por trás. (PLATÃO & FIORIN, 2003, p. 13).

Assim, podemos considerar que texto é um conjunto de palavras e frases encadeadas que permitem interpretações e transmitem uma mensagem. É qualquer obra escrita independentemente de seu tamanho, só necessita que transmita um significado ao leitor.

Todo texto tem alguns aspectos formais, ou seja, tem que ter estrutura, elementos que estabelecem relação entre si. Dentro dos aspectos formais temos a coesão e a coerência, que são responsáveis pelo significado e a forma do texto. A coesão se refere à ligação, a conexão entre as palavras, já a coerência está relacionada com a compreensão, a interpretação do que se diz ou escreve. Assim, o texto necessita portar-se de coerência para ter sentido.

Assim, nas palavras de Platão & Fiorin (2003):

Coerência deve ser entendida como unidade do texto. Um texto coerente é um conjunto harmônico, em que todas as partes se encaixam de maneira completamente de modo que não haja nada destoante, nada ilógico, nada contraditório, nada desconexo. No texto coerente, não há nenhuma parte que não se solidarize com as demais. (PLATÃO & FIORIN, 2003, p. 261).

Desta forma, podemos conceituar que o texto é um todo organizado de sentido, e significado para o leitor e o escritor. Isto significa que texto é tudo aquilo que comunica algo, ou seja, é uma escrita que possibilita ao leitor uma interpretação e comunicação. É de extrema relevância que discurso e texto andem juntos, de forma que um possa complementar o outro, apesar de possuírem conceitos distintos.

Ao percebermos que os seres humanos, são indivíduos de múltiplas diferenças, estamos reconhecendo que cada um possui um determinado pensamento, diferenciado do pensar do outro, pois cada um possui suas próprias concepções oriundas do momento histórico, político, social e econômico. Assim, com a influência que o homem recebe do meio faz com que ele pense de maneira disforme uns dos outros. Desta forma, ao elaborar um texto, o escritor estabelece no mesmo, sua identidade, ou seja, seu pensar, suas crenças, valores e concepções, melhor dizendo sua ideologia. Que segundo Marcondes Filho (1997, p. 9), conceitua ideologia como “o conjunto de ideias, valores, intenções, aspirações na cabeça das pessoas, o qual leva o nome de ideologia”.

Como foi mencionada, a construção de um discurso, que é um mero texto, pelo indivíduo depende de suas condições de produção.

A esse respeito, Mussalim (2003), reitera que

(...) é a relação que os analistas do discurso procuram estabelecer entre um discurso e suas condições de produção, ou seja, entre um discurso e as condições sociais históricas que permitiram que fosse produzido e gerasse determinados efeitos de sentido e não outros. (MUSSALIM, 2003, p. 112).

Desta forma, os produtores de textos estabelecem uma relação com seu meio histórico, social, político e econômico ao escreverem um texto. Assim, eles lhe transferem suas concepções de vida; ou seja: valores, ideias que acham mais apropriadas a sociedade. Portanto, o sujeito autor interage com o texto, e nele faz concretizar-se seu pensar.

Na elaboração de um texto, além da importância das condições de produção na qual é elaborado, tem grande importância também a formação ideológica de cada indivíduo e a formação discursiva. Mussalim (2003) conceitua formação discursiva baseado em Foucault, na qual define como

(...) um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em sua época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercícios da função enunciativa. Determina o que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social. Assim uma formação discursiva é marcada por regularidades, ou seja, por “regras de formação” concebidas como mecanismos de controle que determinam o interno (o que pertence) e o externo (o que não pertence) de uma formação discursiva. (MUSSALIM, 2003, p. 119).

Diante desta definição fica explícito, que um texto ou discurso, vem determinar a visão de quem o produz, assim nele vêm contidas informações implícitas ou explícitas de seu autor, ou seja, vêm contidas

ideias que remetem ao leitor a se enquadrar no que se diz que pode/deve ser falado, pensado a partir de uma determinada visão social de quem o elaborou, ou seja, a concepção ideal do outro, que acaba interferindo na formação ideológica de quem o ler.

Brandão (2004), explica o que é formação ideológica, nas seguintes palavras:

Cada formação ideológica constitui assim, um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais, nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras. (...) a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas. (BRANDÃO, 2004, p. 47).

Assim, ao estudarmos um texto ou lermos, devemos analisar o contexto no qual foi elaborado, o quê?, quem?, quando?, onde?, por quê?. Este vem trazendo consigo não apenas informação, mas conteúdo e ideologia que retratam os conceitos de quem fala através do texto. De fato, quem realmente tem voz através do texto é a ideologia do escritor, sua posição social, cultural e econômica. Logo, o sujeito não é o senhor de sua vontade, pois sofre as coerções de uma ideologia dominante, ou é até mesmo submetido a sua própria natureza da alienação. Ele tende a não interpretar o texto como um produto ideológico, que consiste em fazer com que cada indivíduo leitor, sem que tenha consciência disso se torne um sujeito passivo. O texto pode transmitir a impressão de que consiste em verdade “absoluta”. Nesse sentido, é possível que o sujeito possa ocupar uma determinada classe social sem fazer questionamentos sobre sua própria realidade ou condição de ser e estar no mundo.

Percebe-se que os textos são construídos por um indivíduo composto de ideologia, ideologia de formação pessoal, social, histórica, econômica e política, das condições de produção e da participação do sujeito embora de maneira inconsciente através da acomodação ideológica. O sujeito acomodado apenas aceita o que lhe é transmitido de forma receptiva passiva, pois seu espírito investigativo é apagado por causa da alienação ideológica, que existe na maioria das vezes nas entrelinhas do texto. Isso dificulta a percepção da ideologia dentro do texto didático. Desta forma, o aluno é levado a apenas acreditar, sem refletir naquilo que está por trás dos aparentemente ingênuos textos.

Platão & Fiorin (2003, p. 25), nos diz que “cada texto é um pronunciamento sobre dada realidade; cada texto revela a visão de mundo de

quem o produz”. Assim, com esta citação de Platão & Fiorin, fica explícito que todo texto possui uma carga ideológica de quem o produz, pois o escritor transfere sua realidade para o mesmo, sua interpretação de concepções sobre o que acha “certo e errado”, perante sua forma de pensar o mundo em que está inserido. Mundo este, repleto de conceitos prontos deixados e elaborados por pessoas que detém o poder, que transferem para suas produções textuais suas ideologias do “certo” e do “errado”.

Contudo, Platão & Fiorin (2003), afirmam que o texto é

um pronunciamento sobre uma dada realidade. Ao fazer esse pronunciamento o produtor do texto trabalha com as ideias de seu tempo e da sociedade em que vive. Com efeito, as concepções, as ideias, as crenças, os valores não são tirados do nada, mas surgem das condições de existência. (PLATÃO & FIORIN, 2003, p. 27).

Portanto, a ideologia só ganha voz através do pronunciamento de uma determinada pessoa, escritor textual, pois este faz do seu texto sua fala ativa e influente, que acaba por ser aceita por quem o ler. Este reflete em seu produto uma gama de concepções oriundas das condições em que é elaborado, condições estas que envolvem uma teia de momentos históricos, sociais, políticos e econômicos. Assim, sempre estaremos influenciados por determinadas formas de pensar tipicamente humana, relacionada à interação do homem com seu meio.

Na abordagem de Rego (2002, p. 41) “as características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são mero resultado das pressões do meio externo. Elas resultam da interação dialética do homem e seu meio sociocultural”.

Assim, portanto, fica evidente a influência que o meio estabelece sobre cada indivíduo, e conseqüentemente estabelecendo novos paradigmas, novos conceitos, ideias diferentes, mas todas estabelecendo um modelo da sociedade pertencente, da cultura em que está intimamente inserida. Portanto, um texto é o retrato de seu produtor, pois nele estão contidas toda a ideologia e características, peculiares a cada um de nós.

Nas palavras de Rego (2002),

As funções psicológicas especificamente humanas se originam nas relações do indivíduo e seu contexto cultural e social. Isto é, o desenvolvimento mental humano não é dado a priori, não é imutável e universal, não é passivo, nem tampouco independente do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida humana. (REGO, 2002, p. 42).



Portanto, podemos perceber que até mesmo nosso desenvolvimento psíquico está relacionado ao meio cultural e social, assim, nosso meio nos remete a várias influências dominantes. Então, não somos seres prontos e acabados, somos seres em constante evolução, e esta mutação se reflete nos estudos de textos, pois estes são feitos em um meio cultural e social de quem o produz, ou seja, o meio em que o escritor pertence influencia no conteúdo de seu texto. Assim, o texto é um retrato de seu autor.

Assim, na concepção de Marcondes Filho (1997),

Nunca podemos viver de forma límpida, transparente, absolutamente, vendo o mundo exatamente como ele é. De qualquer forma, sempre o estaremos vendo segundo orientação mais ou menos viciada que temos da realidade. Negar isto seria abdicarmos a condição de humanos, as influências que tivemos e o processo de socialização vivenciado na infância, na escola, no ambiente de trabalho e de lazer. (MARCONDES FILHO, 1997, p. 98).

Enfim, o ser humano na sua condição de ser racional recebe e influencia do meio social e cultural do qual pertence. Assim, sempre estaremos nos posicionando baseados e influenciados pelo pensar do outro, sobre a nossa realidade e necessidades. Através da nossa socialização com os textos ou com os indivíduos fisicamente, podemos adquirir novos conceitos e concepções ou apenas aprimorar o conhecimento que já temos. É de extrema relevância que esse conhecimento que adquirimos seja pensado e refletido, para que possamos ter nossas próprias conclusões e não cairmos no processo de alienação e dominação.

### ***3. A ideologia presente nos textos didáticos: a importância de sua percepção para a formação de leitores críticos***

Dentro do contexto ideológico dos textos didáticos abordados nas escolas, percebemos que à interação do homem com o texto se reflete na escola, que assume um papel de reprodutora de ideologias, e transfere estas ao indivíduo muitas vezes sem perceber.

Ela transmite a partir dos textos didáticos a ideologia dominante, que está em todo lugar. Portanto, a escola torna-se um ambiente, onde a transmissão ideológica dá-se de forma sistemática, planejada e organizada, uma vez que a mesma possui regras e normas. Isso permite que a ideologia se propague sistematicamente, de maneira pensada para melhor absorção dos sujeitos, ou seja, para melhor compreensão e aceitação dos alunos que ali estão inseridos.

Assim, para melhor entendermos este processo precisamos compreender como a ideologia é entendida. Para tal esclarecimento, Nosella (1978) diz que

Ideologia é entendida como uma leitura de uma situação histórica num conjunto de eventos, leitura orientada pelas exigências da ação a ser realizada. Ação exige que sempre exista um suporte teórico (ideologia) que a justifique, e este último não será a explicação mais exaustiva da realidade. Toda ideologia que sustenta uma ação tem a característica da parcialidade como uma exigência mesma da ação. (NOSELLA, 1978, p. 64).

No entanto, a ideologia assume um sistema de ideias, de representações, pensamentos, que domina o espírito de um homem, ou até mesmo de um grupo social. Desta forma, a escola assume a função de sustentadora da ideologia, a fim de justificar teoricamente a ação de transmissão da ideologia. A escola educa, forma os indivíduos, e educar e formar consiste em transmitir ideias, conhecimentos, que através de uma prática podem transformar ou engessar a realidade dos indivíduos.

Portanto, Faria (1985) cita que

A teoria em si (...) não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma e, em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação (...) uma teoria é prática na medida em que se materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação. (FARIA, 1985, p. 07).

Desta forma, não basta apenas à escola enfatizar a teoria é necessário praticar, para que a transformação ocorra, assim, permitindo aos indivíduos associar o real com o teórico, mas para tanto, faz se necessário que a escola seja neutra e verdadeiramente mediadora do conhecimento científico. Entretanto, sabemos que a escola não é neutra, pois recebe influência do meio e influencia também o meio, no qual está inserida.

Assim, considerando a influência da sociedade na escola, não podemos deixar de dizer, que a escola atualmente está mergulhada em uma sociedade capitalista, que acaba atingindo o sujeito e a educação neste sistema lucrativo de produção. Portanto, dentro deste sistema a educação tem à escola como um ambiente de dominação, cujo papel é reproduzir a sociedade burguesa, através da ênfase de sua ideologia e do credenciamento, que permite a hierarquia na produção, o que garante maior controle do processo pelas classes dominantes.

De acordo com Faria (1985):

A escola transmite a ideologia dominante que está em todo lugar. (...) é o lugar onde esta transmissão se dá planejada e organizadamente. A escola fundamental tem características especiais, pois é onde está a classe dos trabalhadores e como a escola é classista, quanto mais alto é o seu nível, menos elementos da classe trabalhadora se encontram. A burguesia dosa os conhecimentos a serem transmitidos pela escola primária, já que o saber também é de classe. (FARIA, 1985, p. 72).

Compreendendo assim, a influência da sociedade na escola, podemos considerar que a instituição escolar trabalha em sincronia com a demanda social. Nesse sentido podemos inferir que o autor ao elaborar um texto, que posteriormente seja adotado como instrumento de trabalho da escola, estará inconscientemente proliferando a ideia do autor do texto, ou seja, sua ideologia do que pensa ser “certo” ou “errado”, pois segundo Platão & Fiorin (2003), o texto é

um pronunciamento sobre uma dada realidade. Ao fazer esse pronunciamento o produtor do texto trabalha com as ideias de seu tempo e da sociedade em que vive. Com efeito, as concepções, as ideias, as crenças, os valores não são tirados do nada, mas surgem das condições de existência. (PLATÃO & FIORIN, 2003, p. 27).

Assim, Lajolo (1996, p. 4), nos diz que “o texto didático é o que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática”. Portanto, os textos acabam determinando conteúdos ideológicos e condicionando metodologias de ensino.

Infelizmente, as ideologias que estão implicitamente nos textos, não são percebidas em sua maioria, e o mais triste é a sua impercepção por parte dos professores e conseqüentemente dos alunos, pois não são levados a criticar aquilo que está nas entrelinhas do texto. Assim, a ideologia existente no texto serve para consolidar a hegemonia da classe dominante e com ela as relações de produção. Assim, os textos acabam por ser um instrumento moldador do ser humano.

Segundo Nosella (1978),

Nos textos de leitura, as crianças ativas, independentes, cheias de vida, originalidade e criatividade, são más, mal educadas, desobedientes e fazem travessuras. De forma semelhante os professores se referem aos alunos com tais características, valorizando aqueles que não atrapalham e não questionam e que também não são críticos nem criativos. Quando a criança é boa, estudiosa e obediente, é elogiada nos textos porque aprendeu o comportamento que lhe foi prescrito. A desobediência é sempre muito perigosa, pois acaba sendo castigada, não pelos pais, que são muito bons, mas pelo destino ou por entidades como bruxas e sacis. Como no texto A abelhinha conta uma estória, onde a menina desobediente fugiu para a floresta sem o consentimento dos pais, deu

de cara com o saci e ficou presa na casa de uma bruxa. (NOSELLA, 1978, p. 68).

Os textos didáticos nos remetem, a um processo de moldagem do dito “certo” e do “errado”, onde o “bonzinho” tem o final feliz e o considerado “mau”, acaba preso na teia da venenosa aranha. Isto faz com que os indivíduos acreditem e aceitem as ideologias contidas nos textos, pois eles são levados a pensar de acordo com o pensamento de um teórico, produtor de texto e difusor de ideologia própria. Desta forma, nossas crianças aprendem a ler um texto, mas não são levadas a compreender totalmente a ideia do mesmo. Então, a ideologia torna-se dominadora, controladora de seres racionais, com as “belas e singelas” mensagens textuais, até mesmo através da “ingênua” mensagem de preservação da natureza, que mascara as especulações econômicas que determinam a devastação de floresta. Não apenas as florestas estão sendo devastadas, mas o nosso senso crítico de reflexão vem sendo desmatado pela falta de compreensão, interpretação e criticidade a respeito do texto didático.

Assim, segundo Faria (1985, p. 47), “sempre que se fala em criança se fala em escola: A casa e a escola são o meu tesouro”. Portanto, sempre quando nos referirmos a interpretação textual, temos que falar sobre ideologia, que, de acordo com Chauí (2000), é

um fenômeno histórico-social decorrente do modo de produção econômica. À medida que, numa formação social, uma forma determinada da visão social se estabiliza, se fixa e se repete, cada indivíduo passa a ter uma atividade determinada e exclusiva, que lhe é atribuída pelo conjunto das relações sociais, pelo estágio das forças produtivas e pela forma da propriedade. (CHAUÍ, 2000, p. 2).

Desta forma, com uma escola sistemática e planejada, o professor possui um papel de grande destaque, ao qual, é o transmissor de conteúdos para os alunos. Isso o coloca numa condição de grande importância social para a transmissão ideológica das classes dominantes, pois ele possui uma posição de privilégio dentro da escola, pois é ele quem transmite os conteúdos, que por sua vez estão camuflados de ideologias.

Assim, nas palavras de Seligman (2008), o professor fica

numa posição privilegiada, mas muitas vezes de difícil sustentação, ao professor coube a obrigação de dominar os conteúdos, técnicas e instrumentos, indicar leituras e ainda cobrar o aprendizado de alunos pronto para responder: nesta fantasia de um processo de ensaio e aprendizagem idealizado, como esponjas os estudantes absorveriam os ensinamentos do mestre e responderiam prontamente a tudo o que lhes fosse perguntado como prova do sucesso deste modelo. Com a multiplicação dos saberes e a sua fragmentação, nem a escola,

tampouco os professores, conseguem dar conta desse processo. (SELIGMAN, 2008, p. 12).

Portanto, com esse conceito de que o professor é responsável por transmitir conhecimento científico, ou seja, dominar os conteúdos, as técnicas e instrumentos de ensino, ele se tornou um mero professor, com objetivo de injetar conteúdo nos alunos. Desta maneira, a questão de maior relevância foi ficando esquecida e deixada de ser trabalhada, pois os professores deixaram de criticar os textos, as ideologias vigentes, perderam o espírito crítico-reflexivo. Muitos acabaram por apenas ensinar conteúdos e não construindo nos seus alunos o espírito crítico-reflexivo. Assim, os alunos ficam passivos ao interpretarem um determinado texto, pois eles só retiram do texto aquilo que necessitam para satisfazer as regras da sociedade e da instituição escolar. Desta forma, tornam-se seres passivos e vulneráveis aos pensamentos dominantes. Mas este ser passivo, não é o que queremos, queremos indivíduos críticos, que sejam capazes de analisar, criticar e refletir a respeito de suas concepções e as dos outros. Portanto, estes indivíduos críticos, analisam e refletem as ideologias que existe nos textos, assim tiram o essencial e formulam sua própria concepção de “certo” e “errado”.

Segundo Demo (2007),

Não basta transitar pela informação. O fundamental é saber transformar informações em conhecimento próprio através de procedimentos adequados de aprendizagem. Que a aprendizagem virtual vai se impor e dominar o cenário futuro, não há escapatória. Cumpre, pois, também à escola educar as novas gerações para usar bem a nova mídia. (DEMO, 2007, p. 91).

Como se percebe pelas discussões realizadas até agora, é necessário que o indivíduo contemporâneo possua conhecimentos e habilidades que lhes permitam interpretar e analisar de forma crítica o texto, ou seja, é necessário que o indivíduo perceba a ideologia para ler o mundo a sua volta.

A leitura crítica é diferenciada da leitura mecanizada pelo fato de ser influenciada pelos significados que o leitor já havia construído, ou seja, pelas leituras de mundo que o leitor já possui do mesmo, que colaboram com a construção do mundo interior do leitor.

Freire (1989) nos diz que:

A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através da nossa prática consciente; a leitura crítica desestabiliza o mundo interior do indivíduo. (FREIRE, 1988, p. 13).

A leitura crítica de um texto faz com que, o indivíduo entre em conflito com suas ideias, e as dos escritores, pois quando reflete e percebe a ideologia textual, ele passa a ajustar o seu mundo com o mundo de quem o escreveu, consistindo assim, num resultado novo, ou seja, do novo sujeito transformado e transformador.

Quando, analisamos, refletimos, indagamos, sentimos e percebemos a ideologia, podemos considerar que a leitura do texto foi crítica, pois o indivíduo tirou suas próprias conclusões a partir do mesmo, ou seja, o sujeito sofreu um conflito entre o que já sabia e o que o texto o impunha, dando origem assim, à mudança entre o velho e o novo. Assim, o aluno não aceita a interpretação do professor e do autor, ele passa a ter sua própria consciência, que por sua vez passa a ter significado para o mesmo.

Contudo, Cavéquia e Maciel (s/d) afirmam que

O objetivo não é que o educador passe a interpretar, criticar e raciocinar pelos alunos. É necessário que o aluno, por meio das leituras de seu mundo, encontre significados para si mesmo ao ler as escritas construídas pelo mundo do outro. Possuir o saber crítico é possuir a capacidade de transformar o seu mundo por meio do mundo de outro, e vice-versa. (CAVÉQUIA & MACIEL, s/d, p. 8).

No entanto, para formar um leitor crítico, é importante também que desde o processo de alfabetização, ou seja, da aquisição da leitura e da escrita, haja a compreensão por parte dos docentes, de que o processo de alfabetização se dá na medida em que a leitura da palavra esteja inserida na leitura do mundo. Em outras palavras, esteja dentro do contexto do educando, e que a bagagem cultural do educando seja valorizada. Dando origem não apenas ao processo de alfabetização, mas sim um processo contínuo de letramento, em que o indivíduo seja capaz de ler o mundo a sua volta, dando assim, sentido aos textos estudados e conhecimentos adquiridos, adaptando-os a sua realidade, ao seu contexto social, cultural, econômico e político.

Por isso é importante realizar uma leitura crítica, para que o indivíduo não caia na teia da alienação, e se torne um ser passivo de ideias próprias, e caia no abismo da aceitação ideológica das classes dominantes, que utilizam o texto para manifestar e divulgar suas ideologias. Para tanto, é necessário que sejamos um leitor crítico, que interage com o texto, mas estabelece sobre ele sua própria ideologia.

Não se pode deixar que a educação, e que os textos didáticos se tornem armas alienadoras, mas sim um instrumento de libertação do indivíduo em meio a tantas ideologias vigentes. Não é preciso apenas saber que um texto possui ideologias, é preciso identificá-las e analisá-las com criticidade para ir ao encontro das questões ideológicas e discuti-las, diminuindo assim, a alienação do leitor, possibilitando uma transformação da realidade.

Para tanto, é importante que a escola abra espaço para a problematização da discussão da ideologia nos textos. Deve-se permitir que o aluno ponha em reflexão os temas tratados tanto fora quanto dentro da escola, que não acreditem em verdade absoluta. Assim, questionando as ideias de autores renomados, e tidos como donos do saber.

Silva (2002, p. 24), afirma que “resulta daí a recepção passiva e reprodutora dos textos, tendo como sustentáculo uma visão de escola como transmissora de informações, como se os escritos privilegiados pelos professores não pudessem ser objetos de crítica”.

Os textos, não devem ser considerados verdades absolutas, pois ninguém é dono da verdade, e tudo e todos estão sujeitos a interpretações e questionamentos variados. Os textos têm que ser criticados e analisados, pois só assim, que a educação poderá formar leitores críticos, com opinião própria. Devemos ir à contraleitura do texto, ou seja, devemos ter o nosso próprio posicionamento em relação dos assuntos tratados dentro e fora da escola.

Assim Demo (2007) afirma que:

O desafio da leitura detém como nódulo central, a habilidade da contraleitura, porque é com ela que podemos, com base na habilidade de brandir a autoridade do argumento, não só ir além do argumento, mas principalmente cultivar o saber, pensar para melhor intervir. Ler significa tanto compreender significados quanto atribuir significados alternativos ao mundo, emergindo o leitor/autor. (DEMO, 2007, p. 23).

Percebemos com a colocação de Demo (2007), que a leitura é o ponto central para a aquisição da criticidade, e libertação ideológica, mas para que tal coisa aconteça é de extrema relevância que o professor conduza seu aluno a um entendimento das entrelinhas do texto, pois, é nas entrelinhas que as ideologias dominadoras, alienadoras ficam escondidas, pronta para se instalarem no pensar do leitor. Daí há grande relevância de cultivar o espírito investigador de nossos alunos, para que, eles possam futuramente disseminar a criticidade nos que irão passar por eles, seja, no

trabalho, na rua e até mesmo na escola e nos grupos informais, assim atribuindo significado aos conhecimentos científicos e à vida em sociedade.

#### **4. A Pesquisa de campo: uma busca à realidade ideológica**

Dentro deste contexto da ideologia nos textos didáticos e da formação do leitor crítico, que trazemos a discussão central deste trabalho científico, consideramos então, a relevante importância da pesquisa de campo, para aprofundarmos nosso trabalho, no intuito de irmos ao encontro de informações do cotidiano. Assim, fez-se necessário a realização de uma pesquisa de campo de cunho quantitativo e qualitativo, para aprofundar a investigação bibliográfica. Para Lüdke e André (1996, p. 34), “a pesquisa quantitativa permite o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada”.

Neste sentido, Minayo (1994), define pesquisa como

a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. (MINAYO, 1994, p. 17).

A pesquisa surge de uma hipótese ou de um questionamento, sobre dada situação. Com a hipótese partimos para a investigação de tal problema, com o objetivo de comprovar o mesmo, baseando-nos em teóricos renomados, pautados no tema, para que, possamos dialogar com as ideias deles e chegarmos a um consenso, e assim partindo para a ação, prática.

O presente trabalho foi estruturado a partir de uma pesquisa bibliográfica qualitativa e quantitativa. A pesquisa de campo foi realizada no período de abril de 2013 a novembro de 2013. Utilizamos nesta pesquisa o questionário semiestruturado como instrumento de pesquisa, para obtenção de informações sobre o tema.

O questionário foi composto por seis perguntas, sendo que, duas foram fechadas e quatro abertas. As perguntas abordaram as dimensões ideológicas nos textos didáticos. Assim, a primeira questão foi elaborada de forma em que o questionado desse uma resposta objetiva, ou seja, a pergunta foi fechada para obtenção de resposta “sim” ou “não”. Nesta



questão o professor foi perguntado a respeito da percepção da ideologia. Na segunda, já questionamos se os textos didáticos são ideológicos, portanto, a questão foi fechada, não exigindo uma explicação da resposta. A terceira pergunta foi aberta e contava ainda com uma citação de Marcondes Filho (1997), nela o investigado é submetido a explicar sua própria resposta a respeito do texto como um retrato de quem o escreve. Por sua vez, a quarta questão também foi aberta, onde questionamos a opinião do professor a respeito do curso de formação de professores e sua atuação. Já a quinta pergunta trouxe a questão da alienação do indivíduo por meio de textos didáticos, esta questão foi aberta, para que os professores questionados pudessem discorrer de forma subjetiva sobre o que lhe foi perguntado. Por final a sexta questão foi aberta, e trouxe como essência da pergunta, a importância de se trabalhar com as ideologias para a formação do leitor crítico.

Este questionário foi aplicado a nove professores que ministram aula no curso de formação de professores de nível médio do Colégio Estadual Frei Tomás, localizado na avenida Roberto Silveira, número 427, na zona urbana da cidade de Itaocara, que fica na região Noroeste Fluminense do estado do Rio de Janeiro. Os professores questionados assinaram uma autorização, permitindo a divulgação dos dados da pesquisa e seus respectivos nomes. O diretor geral da instituição também assinou uma autorização, que permitiu a divulgação do nome da escola, e dos dados obtidos por meio do questionário

Segundo o censo do IBGE (2010, p. 02) a cidade de Itaocara – RJ possui 22.902 habitantes, sendo que, 5.573 habitando na zona rural e 17.329 na zona urbana. A cidade possui seis distritos: Itaocara que é a sede da cidade, Laranjais, Portela, Jaguarembé, Estrada Nova e Batatal. As principais atividades desenvolvidas são a agropecuária leiteira, a agricultura e o comércio.

A instituição citada oferece ensino médio nas duas modalidades, formação geral e curso de formação de professores e ensino fundamental. O ensino médio na modalidade normal atende cerca de noventa e cinco alunos, divididos em quatro turmas de aproximadamente vinte e três alunos. Esta é a única instituição educacional do município de Itaocara – RJ que oferece o ensino médio na modalidade normal. A instituição possui um amplo ambiente físico, contando com quadra poliesportiva, refeitório, auditório, sala de vídeo, de informática, salas de aula amplas, banheiros em todos os andares, biblioteca, uma secretaria muito bem estruturada e

climatizada. A escola é muito organizada e administrada, possui uma infraestrutura de qualidade, para atender toda sua clientela.

A pesquisa qualitativa e a quantitativa não se contradizem, mas sim se completam, dando uma riqueza ao trabalho acadêmico científico, relacionando-se de acordo com a realidade da pesquisa. Minayo (1994, p. 22), afirma que, “o conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”.

Neste sentido, utilizamos como instrumento de coleta de dados, o questionário, direcionado a nove professores do curso normal do ensino médio.

Com a metodologia descrita acima, Minayo (1994) diz que

O caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida à elas.

[...]

Enquanto abrangência de concepções teóricas de abordagem, a teoria e a metodologia caminham juntas, intrinsecamente inseparáveis. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática. (MINAYO, 1994, p. 16).

Com a aplicação do questionário aos professores, foi possível observar instantaneamente duas situações opostas. Alguns professores se demonstraram inteiramente interessados e comprometidos em responder o questionário seriamente. A situação oposta a esta descrita anteriormente, foi quando nos deparamos com a professora M totalmente insegura e desinteressada em responder o questionário. A mesma se recusou responder logo após a apresentação do tema, possibilitando assim, a observação de sua insegurança e medo de responder. Pudemos inferir que o motivo de tamanha insegurança poderia passar pelo fato de haver se formado há muito tempo e não buscar atualizações profissionais constantes.

Os oito professores participantes interagiram com o tema e com o pesquisador, mostraram grande satisfação e segurança ao responder o questionário. Estes mergulharam no tema e responderam com a alma, em outras palavras, com uma sutileza inexplicável, com uma alegria visível aos olhos humanos. Desta forma, contribuíram significativamente para a realização do presente trabalho, pois foi através das respostas deles que foi possível associar a teoria com a prática, possibilitando veracidade ao

tema “ideologia na construção textual. Estes se manifestaram a respeito da ideologia presente nos textos didáticos, sobre a importância da percepção de como trabalham com este assunto e, sobretudo falaram a respeito da formação do leitor crítico.

Assim, ao serem perguntados se o texto científico didático transmite algum tipo de ideologia, obtivemos por unanimidade a resposta “sim”.

Apesar de todos terem dado uma resposta positiva, dois professores nos chamaram a atenção, pela justificativa dada à resposta, dizendo o porquê da resposta.

A professora de filosofia da educação respondeu da seguinte forma:

Sim, pois quem o escreve se reporta a uma dada realidade, como também coloca sua visão de mundo, que por sua vez, já pode ter sido influenciada por outras visões sociais de mundo distorcida, perversas, que tende a reinar em absoluto em nossa sociedade, mesmo vivendo nós em uma dita ser democrática. (Profa. Simone Lopes, 2013, professora de filosofia da educação).

Já ao aplicar a mesma pergunta a uma professora de geografia, obtivemos a mesma positividade da resposta, porém com uma justificativa voltada a sua área. Assim respondendo que “sim, principalmente na disciplina onde leciono. A geografia, em muitos momentos históricos, contribuiu para doutrinar a população de acordo com a ideologia do Estado”. (Profa. Fabíola Lontra, 2013).

Ao aplicarmos a segunda pergunta, que é uma pergunta fechada, onde questionamos, se você acha que os textos didáticos são ideológicos. Todos os professores responderam que “sim”, concordando que os textos são ideológicos. Apesar de todos terem dito “sim”, cada um justificou ao seu modo, com seu jeito de pensar, com sua ideologia.

O professor de Sociologia da Educação disse que “sim, pois os autores apresentam suas teses e seguem uma determinada linha de pesquisa, o que pode condicionar a reflexão dos alunos”. (Prof. Paulo Afonso do Prado, 2013).

Ainda discutindo a segunda questão, outra resposta foi muito pertinente e objetiva, assim chamando a atenção para destacá-la, pois nela a professora de políticas educacionais afirma: “com absoluta certeza, se algo didático não for ideológico, por que estaríamos fazendo educação?” (Profa. Fernanda Waleska, 2013).

Como demonstra as respostas acima citadas, os professores realmente acreditam que o texto didático é ideológico, e transmitem uma ideologia, que pode estar implícita ou explicitamente presentes nos textos. Percebe-se que os autores usam os textos como um instrumento para proliferar seu pensar, suas concepções, portanto quando não estudado profundamente leva ao condicionamento, a alienação e podam a imaginação dos seres humanos, mas por outro lado, a ideologia nos textos dá um toque especial na educação, pois os fazem a refletir a pensar quando percebida e discutida, portanto as ideias contidas nos textos servem como uma forma de discussão e evolução intelectual.

Para nos aprofundarmos ainda mais na pesquisa, a terceira questão contou com uma citação de Marcondes Filho (1997, p. 98), como aporte reflexivo. Está questão indagava aos professores se eles concordam que o texto é um retrato de quem o escreve, a pergunta solicitava ainda que o pesquisado justificasse sua resposta. As respostas dadas a esta questão foram em sua maioria “sim”, com exceção de um professor W de ensino religioso/matемática que diz que “não se pode afirmar categoricamente isto, visto que não temos (sempre) conhecimento da vivência (vida) do autor”. (Professor de Ensino Religioso/Matemática, 2013).

Entre todas, as respostas “sim”, podemos destacar a da professora de Políticas Educacionais, pois resumem todas as outras. Ela afirma que concorda pois “é através da palavra que comunicamos nossas ideias, nossas crenças. Não podemos fugir do que somos. Somos o retrato do nosso viver, ser, existir. Nosso propósito aqui existe e é impossível nos separar dele”. (Profa. Fernanda Waleska, 2013).

Com o resultado da questão número três, podemos perceber que em sua maioria os professores acreditam que o texto é o retrato de quem o escreve, pois as respostas nos submetem a uma reflexão, onde é impossível redigir um texto sem nele deixar nossas marcas, ou seja, nossa ideologia.

Partindo para a quarta questão, perguntamos aos professores a opinião deles a respeito do curso de formação de professores, se acreditam que o mesmo é ideológico e como trabalham este assunto? Esta questão teve respostas brilhantes entre elas à da professora de filosofia da educação que ressalta:

O curso de formação de professores é sim, ideológico, ao passo que há uma grande lacuna a ser preenchida entre, teoria e prática, o que presenciamos neste curso muitas vezes são “belas teorias”, que quando colocadas em prática, parece não ter grande serventia. O que deixo sempre claro para meus alu-

nos desse curso é que as teorias não podem ser ignoradas, mas podem ser questionadas, já que de acordo com minha bagagem profissional, tenho uma certeza, que cada aluno é um ser diferente é único e por conta disso se difere em suas aprendizagens, e portanto, nem mesmo uma bela teoria vai dar conta dessa complexidade, é com certeza a nossa própria experiência aliada a nossa sensibilidade, que muitas vezes vai mostrar o caminho mais acertado a seguir. (Profa. Simone Lopes, 2013, professora de filosofia da educação).

A professora de políticas educacionais acrescenta:

Na educação, assim como nos partidos políticos, nos times de futebol, nas religiões, temos que vestir a camisa e assumir uma postura ideológica. Não me preocupo em cobrar posicionamento dos meus alunos, me preocupo em mostrar o que penso, como penso e deixo que eles próprios formem suas opiniões, pensem por si só. (Profa. Fernanda Waleska, 2013).

Uma docente que ministra aulas de língua portuguesa, opina relatando que:

Sim. Os professores de qualquer curso têm uma função social carregada de significados. Quando se trata de curso de formação de professores temos de pensar prioritariamente em quem estamos formando para, posteriormente, serem formadores. Essa visão está fundamentada em ações que são trabalhadas como práticas sociais, uma vez que objetiva desenvolver uma consciência política nos sujeitos envolvidos, criando espaços democráticos que favoreça uma transformação social. (Profa. Sônia Cunha, 2013, professora de língua portuguesa).

Como os pensamentos, as crenças não são iguais, tivemos também nesta mesma questão um professor de sociologia da educação, que não concorda inteiramente que o curso normal seja ideológico. Ele nos diz que

Em certo ponto. Porque tenho a esperança de utilizar a educação como mediadora da transformação social. Desse modo, acabo por passar ao alunado essa vontade. Contudo, a prática posterior não daria conta de oferecer todos os subsídios para o trabalho que deveria ser desenvolvido. (Prof. Paulo Afonso do Prado, 2013, professor de sociologia da educação).

Assim, a quarta questão teve suas respostas em maioria “sim”, onde os professores relatam que acreditam que o curso é ideológico, mas cada um acredita também que trabalha para incentivar o espírito crítico do alunado, para que possam ser os autores de suas próprias ideias, pensamentos e etc. Dos oito professores que responderam, sete deles disseram que “concorda” e apenas um disse que “concorda em certo ponto”.

A quinta questão trás o professor como um profissional formador de indivíduos e ideias, sendo assim, foi perguntado a eles se acreditam que a ideologia presente nos textos, quando não trabalhada contribui para

a alienação do indivíduo e por que. Com a pergunta lançada, várias foram as respostas, pois cada professor respondeu de um jeito, com palavras diferentes, com conceitos e filosofia do que acham “certo” e “errado”. Nesta questão novamente a maioria respondeu positivo a pergunta, pois sete disseram que acreditam, que a ideologia quando não trabalhada contribui para a alienação da pessoa, e um professor diz que “não necessariamente”, ou seja, para ele não é trabalhando a ideologia contida no texto que o indivíduo vai deixar de ser ou vai ser alienado. Sua resposta foi à seguinte:

Não necessariamente, porque apontar uma interpretação específica restringe o campo de reflexão do aluno, então, isso impede uma ampla interpretação, que no meu modo de (vida) ver também representa um grau de alienação. (Prof. Paulo Afonso do Prado, 2013, professor de sociologia da educação).

Entretanto, a professora de língua portuguesa rebate a ideia do professor de sociologia da educação, dando uma resposta totalmente positiva, pois, para ela,

Quando o professor não trabalha com a ideologia imposta nos textos didáticos, contribui significativamente para a alienação do indivíduo. Como exemplo, um trabalho com conteúdos apresentados pelo professor de forma passiva, fechada, sem contextualização, além de não apresentar outras respostas possíveis o que leva o aluno a ser alienado, “obedecendo” apenas ao que propõe o livro sem desenvolver o senso crítico. (Profa. Sônia Cunha, 2013, professora de língua portuguesa).

Outro professor acrescenta que

É preciso despertar no aluno o senso crítico e criativo. Orientando-o a ler, observar a ideologia e analisá-la de acordo sua realidade, princípios e progresso científico e tecnológico; se não o fizermos, poderá ocorrer a alienação. (Professor de Ensino Religioso/Matemática, 2013).

A professora de artes nos coloca indivíduos racionais, como seres sociais por natureza, que aprendemos ao entrarmos em contato com o diferente, e em diferentes ambientes. Assim, ela afirma que

A oportunidade de aprendizagem deve estar em todo canto: na família, na escola, na vida... As oportunidades de reflexão presentes nos textos devem ser exploradas e discutidas a fim de despertar cada vez mais, o ser crítico e social que existe em cada um. (Profa. Leila Araujo, 2013).

Por sua vez, a professora K relata sua atuação como formadora de seres humanos críticos, da seguinte maneira:

Como formadora de indivíduos, tenho que auxiliar, conduzir e orientar as ideias e informações que o livro didático venha trazer, para que os alunos não

fiquem só dependendo das mesmas, mas busquem se informar e formar críticas daquilo que está sendo discutido dentro da sala de aula. (K, professora de literatura, 2013).

Notamos que todos professores vêm trabalhando em prol da formação crítica de seus alunos, buscado em sua ação de trabalho formar pessoas crítico-reflexivas, ou seja, indivíduos capazes de discernir a ideia de um autor e de outro, construindo seu próprio pensar a respeito dos assuntos discutidos, e que possam também absorver as propostas dos autores, desde que, venha a somar favoravelmente em sua formação.

No entanto, a sexta questão foi aberta, para que, os professores pudessem se expressar abertamente, mostrando seu ponto de vista a respeito do assunto discutido. Esta pergunta questionou aos professores se para eles é importante trabalhar a ideologia textual, para formação do leitor crítico. Foi solicitado também que justificassem suas respostas.

As respostas dadas a esta questão revelaram a extrema importância de se trabalhar com a ideologia textual, para facilitar a formação do leitor crítico, pois trabalhando os textos, ou seja, as entrelinhas dos textos, as ideologias, o professor estará favorecendo a criticidade do aluno e sua autonomia de pensamentos. Os professores em sua totalidade responderam “sim”, e todos justificaram suas respostas. Cada justificativa, com seu valor singular, pois todas contribuíram positivamente para a pesquisa e ajudaram a comprovar que é importante trabalhar a ideologia textual, para formar leitores críticos e autônomos.

A professora de políticas educacionais, assim, como todos outros responderam maravilhosamente, respondendo com leveza, sutileza e veracidade. Sua resposta foi a seguinte:

Acredito que seja importante trabalhar sempre em busca do que nos faça pensar. Não adianta dar o peixe, temos que ensinar a pescar. Paulo Freire já dizia que não basta escrever “EVA VIU A UVA”, é importante saber: “quem é EVA?”, “quem plantou a UVA?”, “quem ganhou com a venda dela” e por aí vai. (Profa. Fernanda Waleska, 2013, professora de políticas educacionais).

A professora de língua portuguesa acrescenta,

Na sociedade moderna não há mais espaço para um trabalho apenas direcionado. O alunado é aberto ao diálogo, à participação, à interação. Negar discussão sobre o que está sendo imposto mesmo nos conteúdos não há aceitação e o trabalho do professor entra no descrédito. É visível que a leitura é um instrumento de criticidade, de autonomia, logo, explorar a ideologia imposta nos textos é fundamental e necessário o que promove a formação de um leitor crítico, levando-o ao desenvolvimento cognitivo, intelectual e afetivo. (Profa. Sônia Cunha, 2013, professora de língua portuguesa).

Podemos perceber com as citações feitas pelas professoras acima, apesar da formação diferenciada, ambas concordam que é importante trabalhar a ideologia textual, para formar pessoas capazes de construir seus pensamentos autônomos em relação às ideologias textuais. Focam em um trabalho voltado para a atualidade, que acompanha a demanda social, econômica e política, e acima de tudo, um trabalho de libertação do indivíduo, no sentido de que, só o conhecimento liberta o homem da ignorância, da alienação e da mesmice do pensar. Demonstrando através de seu ato de pensar criticamente, que o conhecimento faz a diferença. E essa diferença é resultado do trabalho do professor em prol da formação de leitores críticos, que capacita seus alunos para atuarem significativamente na sociedade a qual pertence. Por isso, a importância do professor levar seus alunos a lerem as entrelinhas, a pesquisarem, discutirem e refletirem sobre os conteúdos que os textos abordam.

Platão & Fiorin (2003) relatam a importância de ir além das informações explícitas, do seguinte modo:

Um dos aspectos mais intrigantes da leitura de um texto é a verificação de que ele pode dizer coisas que parece não estar dizendo: além das informações explicitamente enunciadas, existem outras que ficam subentendidas ou pressupostas. Para realizar uma leitura eficiente, o leitor deve captar tanto os dados explícitos quanto os implícitos. Leitor perspicaz é aquele que consegue ler nas entrelinhas. Caso contrário, ele pode passar por cima de significados importantes e decisivos ou – o que é pior – pode concordar com coisas que rejeitaria se as percebesse. (PLATÃO & FIORIN, 2003, p. 241).

Isso nos leva a conclusão de que, para entendermos qualquer que seja o texto, é preciso entrar em conflito com as demais partes que compõem o texto, para que assim, possamos dar-lhe um significado que o possui de fato, em outras palavras, para fazermos uma boa leitura, devemos sempre levar em conta o contexto em que o indivíduo e o texto estão inseridos.

Atualmente, os professores devem auxiliar os alunos a desvendar o mundo, estimulando neles a criticidade, a autonomia, pois de nada adianta o professor dizer que dois mais dois são quatro, se não ensinar como chegar a tal resultado e as diversas formas de chegar ao resultado quatro. Ele deve conduzir o aluno ao caminho, mas deixá-lo que o aluno caminhe com suas próprias pernas.



### 5. *Considerações finais*

Ao questionar os professores sobre a existência de ideologias nos textos didáticos, todos responderam que o texto possui uma ideologia de quem o escreve, assim, a importância de se trabalhar com a mesma, na formação de leitores críticos-reflexivos e cidadãos ativos.

Percebe-se que os textos são produtos ideológicos capazes de alienar o indivíduo, quando não interpretado nas entrelinhas. Cabe aos educadores, não apenas ler o texto com os alunos ele, deve levar os alunos a si posicionarem diante da informação, para fazer da informação um novo conhecimento, ou seja, o professor deve fazer com que seus alunos construam seu próprio pensar, de forma, a dialogar com a sociedade de maneira crítica-reflexiva e ativa. Assim, deve-se conduzir os alunos a refletirem sobre o momento histórico, social, econômico e político em que o texto foi elaborado, para que, possam interpretar as entrelinhas e fazerem dos textos, um instrumento de libertação, de construção de conhecimento e não em uma arma alienadora.

Os textos são ideológicos, mas esta ideologia quando trabalhada na íntegra contribui significativamente na formação do leitor crítico-reflexivo.

Não é preciso apenas saber que um texto possui ideologias, é preciso identificá-las, diminuindo assim a alienação do leitor, possibilitando uma transformação da realidade. Enfim, é necessário que os leitores analisem criticamente os textos para perceber além do assunto tratado, ou seja, identificar a ideologia existente nos textos, que na maioria das vezes está implícita no texto. Não se pode deixar que um texto seja instrumento controlador, mas sim um meio de libertação do indivíduo.

Podemos dizer que as ideologias encontradas nos textos ajudam na construção de um indivíduo crítico, pois desde o momento que a ideologia é percebida, analisada e criticada, o aluno juntamente ao professor chegará a uma conclusão própria. Que favorece na construção e formação da criticidade dos seres humanos.

Com base nas análises, verificamos que mesmo os professores tendo consciência da ideologia presente nos textos, na maioria das vezes, a forma como o trabalho é realizado não contribui para que os alunos percebam a mesma, ou seja, não contribui para a formação de um leitor crítico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez, 1991.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev., Campinas: Unicamp, 2004.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/cesso2010/tabelas\\_pdf/tot\\_al\\_populacao\\_rio\\_de\\_janeiro.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/cesso2010/tabelas_pdf/tot_al_populacao_rio_de_janeiro.pdf)>. Acesso em: 22-02-2014
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- CAVÉQUIA, Marcia Aparecida Paganini; MACIEL, Aline Guilherme. A formação do leitor crítico e autonomia: por que e por quais meios? Universidade Estadual de Londrina. *Folha de Londrina*, em 21-042009, Caderno Folha 2, p. 7.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
- DEMO, Pedro. *O porvir: desafios da linguagem do século XXI*. Curitiba: Ibpx, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem escrita e alfabetização*. Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Contexto, 2012.
- FARIA, Ana Lúcia G. de. *Ideologia no livro didático*. 3. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.
- FILHO, Ciro Marcondes. *Ideologia*. 9. ed. São Paulo: Global, 1997.
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 16. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.
- GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

GOMES, Eduardo de Castro. *A escrita na história da humanidade*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). – Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. 10. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. *Em Aberto*, Brasília, jan./mar. 1996.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EUP, 1996.

MINAYO, M. C de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003, vol. II.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. 12. ed. São Paulo: Moraes, 1978.

REGO, Tereza Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórica cultural da educação*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SCLIAR, Moacyr. *Um olhar sobre a cultura brasileira: a língua portuguesa*. Disponível em: <<http://falar-portugues.blospot.com/2005/09/lingua-portuguesa-por-moacyr-scliar.html>>. Acesso em: 23-05-2013.

SELIGMAN, Laura. *A escola e a formação do leitor crítico da mídia: políticas públicas no Brasil e em Santa Catarina*. 2008. – Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Criticidade e leitura: ensaios*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2002.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.